

## CALPÚRNIO SÍCULO: UM POETA A SERVIÇO DO IMPÉRIO

Ivone da Silva Rebello  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

*Resumo: O presente trabalho é um estudo sobre a obra do poeta **Titus Calpurnius Siculus**, autor de sete **Bucólicas**. A escolha dos poemas I, IV e VII deve-se ao fato de os mesmos abordarem temas políticos, os quais recuperam eventos históricos que assinalam o período em que reinou Nero. O poeta apresenta o programa de governo desse soberano durante o seu primeiro quinquênio de atuação: justiça, liberdade, segurança e paz. Calpúrnio vê em Nero um novo Augusto. Seus poemas apresentam uma dimensão nacional, tendo como objetivo servir à causa de Roma, introduzindo temas virgilianos como ponto de partida para os fatos ocorridos durante a sua época. Palavras-chave: Literatura Latina; Calpurnius; Política*

*Abstract: The present paper is a study about the work of the poet **Titus Calpurnius Siculus**, author of the seven **Bucolics**. From his entire work, we have chosen only three poems, I, IV and VII, that have brought about politic themes, which have dealt with historical events that have the Nero's era. The poet introduces this monarch's governmental programme during his first quinquennium in action such as justice, liberty, safety and peace. Calpurnius sees in Nero a new Augustus. The poems introduce a national dimension, whose objective was to serve as a cause for Rome, bringing up virgilian themes which have led up to the current events of his own era. Key words: Latin Literature; Calpurnius; Politics*

### 1. O poeta e seu engajamento político no período neroniano (54 d.C. – 68 d.C.)

Tito Calpúrnio Sículo, de quem quase nada sabemos, pois não existe entre os autores antigos notícia alguma sobre a sua vida, foi o autor de sete *Bucólicas*. Nesta sua obra, o poeta faz alusões ao imperador Nero, louvando o reinado deste soberano como sendo o iniciador da Idade de Ouro, em Roma. Daí colocarmos Calpúrnio como tendo vivido na corte de Nero, conforme afirma a maioria dos críticos.

Quanto ao sobrenome *Siculus*, numa explicação mais simples, indicaria a pátria do poeta, pois no manuscrito de Gerhard Johan Voss (Vossius) (1577-1649), o seu nome é acompanhado do sobrenome *Sicilien*, nos fazendo crer que o poeta era originário da Sicília; era costume dos autores de épocas remotas adotar como sobrenome, o nome de sua pátria. Quanto às funções ocupadas por Calpúrnio na Corte imperial, segundo Flávio Vopisco, na *História Augusta*, ele exercia o cargo de *magister* ou *dictator memoriae*, isto é, um dos secretários e arquivistas do imperador. Este posto exigia grande honestidade e muita instrução, e o titular devia estar sempre à disposição do imperador.

Acredita-se que esta I bucólica tenha sido escrita no início do governo de Nero, por volta do ano 54 ou 57 d.C. Esse novo governante, a quem estavam confiados os destinos de Roma, prometia voltar aos ideais de Augusto:

Na ânsia de dar uma idéia ainda mais nítida do seu caráter, após haver declarado “que reinaria de acordo com os princípios de Augusto”, não perdeu nenhuma ocasião de demonstrar a sua liberdade, sua clemência e até mesmo sua amabilidade.<sup>1</sup>

Não conhecemos, portanto, muitos detalhes sobre a vida do poeta, porém podemos presumir que ele se identifica atrás de seu personagem Coridão.

As *Bucólicas* I, IV e VII apresentam claramente a época de Nero, sendo, dentre as demais, as do caráter político.

Na *Bucólica* I, Fauno profetiza as glórias da Idade de Ouro, a qual estaria começando sob um governo que traria as leis passadas e a ordem, não importunaria o Senado e propiciaria uma pacífica religiosidade como nos dias de Numa Pompílio:

Aurea secura cum pace renascitur aetas,  
Et redit ad terras tandem squalore situque  
Alma Themis posito, juvenemque beata sequuntur  
Secula, maternis caussam qui lusit in ulnis.

*Buc. I, 42-45*

A Idade de Ouro renasce com tranqüila paz,  
E finalmente, a propícia Têmis volta às terras, acabada  
A aflição e a miséria, e os séculos felizes seguem  
A um jovem, o qual mostrou com alegria a sua condição nos braços maternais.

Plena quies aderit, quae stricti nescia ferri  
Altera Saturni revocet Latialia regna,  
Altera regna Numae....

*Buc. I, 63-65*

Uma paz plena chegará, que, desconhecadora do ferro desembainhado  
Restabelecerá os outros reinos latinos de Saturno,  
Os outros reinos de Nunca,...

Além disso, o novo imperador compromete-se a defender a causa da mãe que deu origem à *gens Iulia* e o excêntrico Nero é visto como um *Iulius*, que fala do povo de Ílion, referindo-se à legendária vida de Enéias e seu filho. O poeta alude claramente ao discurso pronunciado por Nero em defesa dos habitantes de Ílion (*Buc I, 45-73*):

... Nullos jam Roma Philippos  
Deflebit, nullos ducet captiva triumphos.  
Omnia Tartareo subigentur carcere bella,  
.....  
Plena quies aderit, quae stricti nescia ferri  
Altera Saturni revocet Latialia regna,  
Altera regna Numae....  
.....  
Jam nec adumbrati faciem mercatus honoris,  
Nec vacuos tacitus fasces, et inane tribunal  
Adcipiet consul: sed legibus omne reductis  
Jus aderit, moremque fori vultumque priorem  
Reddet, et adflictum melior deus auferet aevum.

*Buc. I, 50-52; 63-65; 69-73*

... Agora Roma não mais chorará  
Alguns Felipes, não mais celebrará, cativa, quaisquer triunfos.  
Todas as guerras serão subjugadas na prisão do Tártaro,  
.....

Uma paz plena chegará, que, desconhecedora do ferro desembainhado,  
Restabelecerá os outros reinos Latinos de Saturno,  
Os outros reinos de Numa,...

.....  
Então, a cúria não aceitará a aparência de uma falsa cerimônia,  
Nem o cônsul calado aceitará os feixes inconstantes, e o  
Tribunal inútil: aproximar-se-á, porém, toda justa  
Das leis feitas, e um deus melhor restituirá o costume  
E a imagem antiga do Foro, e afastará a geração aflita.

Tal referência é encontrada em Tácito e em Suetônio:

“No consulado de D. Júnio e Q. Hatério, Nero, aos dezessete anos de idade, casou-se com Otávia, filha de Cláudio; e para que também com a glória da eloquência e de honrosos estudos se ilustrasse, tomou a causa dos habitantes de Ílio, donde era provindo o povo romano e Enéias, estirpe da família Júlia; e memorando fatos quase fabulosos por sua antigüidade, obteve para eles isenção de quaisquer encargos públicos.”<sup>2</sup>

“Conduzido ao “Forum” para aí tomar a toga, prometeu uma distribuição ao povo e uma gratificação aos soldados. Numa revista aos pretorianos, colocou-se à frente destes com um escudo na mão. Depois, solicitou ao Senado, ações de graça para seu pai adotivo. Defendeu, diante dele, então cônsul, em latim, os habitantes de Bolonha e, em grego, os de Rodas e de Ílion.”<sup>3</sup>

Enfim, um cometa aparece no céu, o qual foi assinalado por Suetônio e Plínio e interpretado como anunciador da morte de Cláudio, em 13 de outubro do ano 54:

Cernitis, ut puro nox jam vigesima coelo  
Fulgeat? ut placidum radianti luce cometem  
Proferat? ut liquidum mittat sine vulnere sidus?

*Buc. I, 77-79*

Vês, como já a vigésima noite brilha no céu  
Serenos? como mostra o faiscante cometa com radiante  
Luz? como esteja enviando um astro límpido sem desgraça?

Os maiores presságios da sua morte foram: a aparição duma dessas estrelas de cabeleira a que chamam de cometa. A queda dum raio no túmulo do seu pai Druso. E a morte, no mesmo ano que a dele da maior parte dos magistrados.<sup>4</sup>

Calpúrnio termina o poema na esperança de que os seus versos chegarão até os ouvidos do príncipe, através do pastor Melibeus:

Forsitan Augustas feret haec Meliboeus ad aures.

*Buc. I, 94*

Talvez Melibeus leve estes (poemas) aos ouvidos Augustos.

A IV *Bucólica* (escrita, provavelmente, na mesma época da I *Bucólica*) se apresenta como uma poesia essencialmente política. Calpúrnio, disfarçado no personagem Coridão, deseja que seu protetor Melibeus leve sua obra à Corte de Nero e agradece a Melibeus por tê-lo tirado da pobreza e evitado seu exílio até os confins do mundo. Toda a segunda parte do poema consiste num elogio a Nero, apresentando os seus divinos poderes.

COR. Carmina jam dudum, non quae nemorale resultent,  
Volvimus, o Meliboe; sed haec, quibus aurea possint  
Secula cantari, quibus et deus ipse canatur,

Qui populos urbemque regit, pacemque togatam.

.....  
Scilicet extremo nunc uilis in orbe iacerem,  
Ah dolor! et pecudes inter conductus Iberas,

.....  
At mihi, qui nostras praesenti numine terras,  
Perpetuamque regit juvenili robore pacem,  
Laetus, et Augusto felix adrideat ore.

.....  
AM. Dii, precor, hunc juvenem, quem vos (nisi fallor) ab ipso  
Aethere misistis, post longa reducite vitae  
Tempora, vel potius mortale resoluite pensum,  
Et date perpetuo coelestia fila metallo:  
Sit deus, et nolit pensare Palatia coelo

*Buc. IV, 5-8; 43-41; 84-86; 137-141*

COR. Já há muito tempo, ó Melibeu, meditamos em versos, não os que  
Ressoam de forma pastoril; mas naqueles, pelos quais os Séculos  
De Ouro possam ser celebrados, e pelos quais possa ser cantado o próprio deus,  
Que rege os povos e a cidade, e a paz romana

.....  
Naturalmente eu agora jazeria desprezível num longínquo mundo,  
Ah dor! e conduzido entre as ovelhas Iberas,

.....  
A mim, porém, agrada (cantar) aquele que governa as nossas terras,  
Com a divindade propícia e dirige com a sua força juvenil uma paz  
Perpétua, alegre, e feliz com face Augusta.

.....  
AM. Deuses, eu suplico, reconduzi este jovem, que vós (se eu não me engano)  
Do próprio Éter enviaste, após longos tempos  
De vida, ou antes cortai o fio mortal,  
E dai-lhe fios celestes com um metal duradouro:  
Que ele seja um deus, e não queira trocar seus Palácios pelo céu.

Além disso, o poeta faz referência à nova legislação que seria implantada pelo novo soberano. Tácito, nos seus *Anais*, descreve um presságio ocorrido nessa época:

Nesse ano a figueira Ruminal, na praça dos comícios, que oitocentos e trinta anos antes abrigara a infância de Rômulo e Remo, perdeu toda ramagem, secando-se-lhe o tronco; mas tornou a brotar depois, o que foi tido como prodígio.<sup>5</sup>

Na VII *Bucólica*, o pastor Coridão é o próprio Calpúrnio que esteve em Roma e faz uma grande descrição da cidade, a fim de mostrar a beleza e a majestade que pairavam em Roma no tempo de Nero. O poeta descreve de modo maravilhoso o anfiteatro de madeira construído por Nero no ano 57 d.C., no Campo de Marte (vv. 37-38). Daí acreditar-se que esta bucólica tenha sido escrita nessa época.

Tácito e Suetônio fazem alusão a este edifício:

Do consulado de Nero, pela segunda vez, e L. Pison pouco há de narrar, a não ser que se apraza alguém em encher volumes com elogios aos fundamentos e armações de um anfiteatro construído por César no Campo de Marte;...<sup>6</sup>

E quando do combate de gladiadores, que se verificou num anfiteatro de madeira, construído no espaço dum ano, no bairro, do Campo de Marte, não mandou matar ninguém, nem mesmo entre os criminosos.<sup>7</sup>

... Stabam defixus et ore parenti  
cunctaque mirabar nec dum bona singula noram.

*Buc. VII, 37-38*

... Permanecia imóvel e boquiaberto  
e admirava todas as coisas em conjunto, e não percebendo cada uma dessas belas coisas  
[em particular.

A datação desta bucólica também pode ser dilatada para o ano 63, devido à alusão aos lugares reservados aos cavaleiros romanos, segundo uma lei estabelecida por Nero neste mesmo ano:

Designou para os cavaleiros romanos lugares adiante dos da plebe, no circo; até aquela data, eles ficavam confundidos, porquanto a lei Róscia não dispunha senão a respeito das quatorze primeiras filas de lugares no teatro.<sup>8</sup>

Nam quaecumque patent sub aperto libera coelo,  
aut eques aut niuei loca densauere tribuni.

*Buc. VII, 28-29*

No entanto, todos aqueles lugares que se apresentam livres sob o céu aberto,  
ou os cavaleiros os ocuparam ou os tribunos vestidos de branco.

Além dos versos acima, temos uma belíssima descrição do anfiteatro e dos jogos patrocinados pelo imperador, o qual, segundo o texto (vv. 23-72; 82-84), se fazia presente nos espetáculos:

...utcumque tamen conspeximus ipsum  
longius; ac nisi me decepit uisus, in uno  
et Martis vultus et Apollinis esse putauit.

*Buc. VII, 82-84*

...de qualquer maneira, porém, nós o vimos  
muito longe; e se a minha vista não me iludiu, ao mesmo tempo  
julguei ver não só o rosto de Marte mas também o de Apolo.

O poeta canta, portanto, a Roma neroniana, embriagada pelo luxo imperial; descreve de modo maravilhoso o anfiteatro de madeira reformado pelo soberano, no ano 57 d.C.

Todo esse lirismo em tom político é explorado por Calpúrnio, imitando Virgílio, que com grande sensibilidade soube louvar os méritos divinos do imperador Augusto. E Calpúrnio apresenta nas *Bucólicas* I, IV e VII um Nero também divinizado que, ao assumir o poder, prometeu seguir os passos de Otávio Augusto. Assim, na I *Bucólica*, Calpúrnio assemelha Nero ao Sol soberano e, às vezes, aos deuses Apolo e Júpiter.

As composições de Calpúrnio fazem parte da “descendência do lirismo latino”,<sup>9</sup> cujas raízes vêm desde Virgílio, com uma linguagem nova, numa tentativa de colocar-se como uma obra que representaria a época de um soberano que traria uma nova política ao interior de Roma.

## 2. Conclusão

A arte das *Bucólicas* de Calpúrnio não está diretamente ligada à realidade objetiva da natureza, mas o poeta cria um mundo convencional, e aí coloca os seus problemas existenciais e exalta o novo Imperador que sobe ao trono.

A época de Nero, porém, inicialmente, se apresentou como uma Idade de Ouro, mas depois tornou-se muito funesta ao povo romano, pelo fato de o imperador deixar as tradições romanas, não respeitar os direitos antigos e os poderes do Senado e dar acesso a religiões estranhas aos costumes romanos. Porém, com relação às letras, Nero faz do seu Palácio um ponto de reunião de escritores, poetas e artistas a fim de incentivar o desenvolvimento das letras e das artes em Roma.

Calpúrnio, em suas *Bucólicas*, está muito ligado à vida política e esta acha-se presente, principalmente, nas *Bucólicas* I, IV e VII, que louvam as qualidades do novo Imperador Nero. Estas composições anunciam que a nova Idade de Ouro havia chegado a Roma, trazendo a paz, a justiça e a ordem; o “deus”, de que Calpúrnio fala, regerá o povo romano conforme os tempos de Numa e do “divo” Augusto. Estes poemas apresentam um vínculo entre a Natureza e o Imperador que ascende.

Assim, Calpúrnio realiza uma apoteose dos primeiros anos do reinado de Nero.

### 3. NOTAS

<sup>1</sup> SUETÔNIO (1966) p. 187

<sup>2</sup> TÁCITO (1964)

<sup>3</sup> SUETÔNIO (1966)

<sup>4</sup> SUETÔNIO (1966) p. 183

<sup>5</sup> TÁCITO [s.d.] p. 209-210

<sup>6</sup> TÁCITO [s.d.] p. 199 (13,31,1)

<sup>7</sup> SUETÔNIO (1996) p. 188

<sup>8</sup> TÁCITO [s.d.], (15,32) p. 244

<sup>9</sup> GRIMAL (1978) p. 163

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARCOPINO, Jérôme. *Roma no apogeu do Império*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras / Círculo do Livro, 1990 . 361 p. (Coleção “A vida cotidiana”).

GRIMAL, Pierre. La bucolique, de Vigile à Calpurnius et Némésien. In: *Le lyrisme à Rome*. France, Presses Universitaires de France, 1978. p. 143-167.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares*. Tradução: Sady – Garibaldi. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. 282 p.

TÁCITO. *Anais* (13,4). Tradução e prólogo: Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.]. 287 p.

TORRES, Artur de Almeida. *Miséria e grandeza de Nero*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1974.

WISHOFF, Conrado e GOEDVAL, Daniel. *Poetae latini minores*. 1731. 723 p.